

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 139

Editor, Abel de Vasconcelos Garido

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 17 de Julho de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

O grande incendio da Rua Elias Garcia

**DUAS MORTES — ALGUNS FERIDOS — DUAS CASAS DESTRUIDAS —
A ABNEGAÇÃO DOS POPULARES E A BRAVURA DOS BOMBEIROS —
— ELOQUENTE MANIFESTAÇÃO DE PESAR — OUTRAS NOTAS**



Miguel José Peixoto

Dominou intensamente e ainda perdura no espirito público esse pavoroso incendio de há oito dias, não porque a impetuosidade das suas chamas devorasse duas casas, danificassem outra e destruissem muitos haveres,—alguns dolorosamente fora das garantias do seguro—mas porque, na ância humanissima e destemida de prestar socorros, pereceram, para todo o sempre, o bombeiro-agulheta Miguel José Peixoto, mais conhecido por Miguel «Cartada», e o empregado comercial António Gomes Alves.

Sempre a desgraça, sob qualquer aspecto calamitoso que se nos ofereça, compunge e fere, é certo; junte-se-lhe, porém, o sacrificio de duas vidas, consequência duma abnegação, que é heroísmo, porque é o bem pelo bem, e o coração confrange-se-nos, dilacera-se-nos. Depois, na longa série de incendios em que os nossos bombeiros voluntários teem mostrado a sua intrepidez e o seu arrojado valor, só na memória de poucos fatalidade tamanha e igual se recordava... há mais de vinte anos que isso fôra.

Não pormenorizaremos a noticia do grande incendio; detalhadamente se hão referido ao caso os noticiarios periódicos.

O bombeiro Miguel «Cartada»

O indito bombeiro voluntário, que morreu no seu posto de honra, entrou para a corporação a perto de 20 anos, tendo merecido a medalha de mérito e filantropia.

Era uma figura sobremaneira simpática e bem lançada, mantendo entre os companheiros aquela prestigiosa estima que conquistara em tantos lances de assinalado arrojo, realçada mais ainda pela sua modéstia, que era uma faceta do seu caracter honestissimo e probo.

Como operário inteligente que era, estava actualmente desempenhando o lugar de mestre afinador dos teares, na importante Fábrica do «Castanheiro», com o ordenado mensal de 45 escudos, havendo desempenhado igual lugar, durante 10 anos, na fábrica do sr. Francisco Inácio da Cunha, ao Pevidém.

Nasceu na freguesia de S. Miguel de Varziela, concelho de Felgueiras, tendo-se porém conservado quasi sempre entre nós, sendo bem, pelo coração, filho desta terra.

Miguel «Cartada» contava 41 anos, deixando viuva e três filhos, estes respectivamente com a idade de 8, 10 e 13 anos.

A Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntários, apreciando o último sacrificio do brioso agulheta, e tendo em vista as condições em que ficara a sua família, deliberou, não só não realizar o Certamen projectado, oferecendo à viuva o produto da subscrição para esse fim efectuada, como também do seu cofre de pensões lhe concedeu uma mensalidade de 6 escudos.

Sempre generoso, o povo!

Pode muitas vezes, em casos

similares, a curiosidade popular que logo accorre ao primeiro chamamento, estorvar a acção dos bombeiros, dificultando a sua presteza no desempenho das ordens de comando. Neste incendio, todavia, essa sempre pronta curiosidade popular desdobrou-se em serviços de extraordinário relevo auxiliar, já procurando arrancar a voragem da fornalha crepitante o maior número de salvados, já prestando aos mesmos bombeiros, incansáveis e audazes, toda a série de trabalhos ao seu alcance. Meritória e dignificante foi, sem dúvida, a sua acção.

Como que impelidos pela bravura desses briosos bombeiros—cuja organização e valor faz o orgulho desta nossa terra—esses populares, numa abstracção do perigo, cheios dum entusiasmo heróico, que era belo, porque era desinteressado, por maneira eloquente patentearam quão grande é a alma do povo em seus exemplos de fraternidade e de civismo.

Foi assim que encontrou a morte o jovem empregado comercial António Gomes Alves, filho do sr. José Maria Gomes Alves, secretario da Câmara.

Muitos outros populares e bombeiros foram feridos, não recebendo nenhum, felizmente, contusões de gravidade. Entre estes encontra-se Mariano Felgueiras, presidente da comissão administrativa, que no local estava acompanhado do administrador do concelho e vereador das águas.

O entêrro do bombeiro-agulheta

Foi uma manifestação altamente demonstrativa o entêrro do desventurado Miguel «Cartada» realizado a convite e a expensas da Associação H. dos Bombeiros Voluntários.

Pode dizer-se que foi uma nítida afirmação de pesar prestada pela cidade, aquilatando-se ainda por ela a profunda e justificada simpatia que essa prestantissima corporação inspira e merece ao povo de Guimarães.

Esse cortejo fúnebre, como outro igual entre nós se não viu, reuniu na mesma comunhão de internecida máguia todas as bandeiras das colectividades operárias, Centros, Cantina e E. de Comércio; representantes da Câmara e administrador do concelho; officiais do exercito, comandante de infantaria 20 e uma força de sargento; direcções da Associação Commercial e da Sociedade M. Sarmiento; inspector escolar e pro-

fessores; representantes da imprensa; piquete dos bombeiros de Braga, Famalicão, Fafe e Vizela; operários e operárias das fábricas de fiação do «Castanheiro» e da Fiação e Tecidos de Guimarães; duas bandas de música, etc.

Junto do coval falaram o bombeiro Fortunato Lâmpada, Padre Abilio de Passos, presidente da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntários, Simão Costa, 1.º comandante e grande benemerito da corporação, e dr. Eduardo de Almeida, deputado.

A oração deste nosso presado amigo, que é um mimo literário de enterneçada e comovidissima homenagem, merece bem que seja para aqui trazida.

Falando junto do coval

Na manhã de sábado, recolheram ao seu quartel, extenuados, levando no coração, como ardendo ainda mais intensas, as brasas dessa tempestade de fogo que sobressaltou, na trágica noite, a cidade adormecida e cuja memória por muito tempo conturbará o povo de Guimarães, os nossos corajosos e humanitarios bombeiros; então se procedeu, na parada, à luz pallidamente surpresa do sol de Julho, à contagem: mas, quando se ouviu um nome, um dos heróicos soldados não pôde responder, sendo certo que estava presente—caído na maca o seu cadáver—, bem presente fôra no posto arriscado que sempre para si toma o altruismo na luta contra a adversidade, com a sua coragem, a sua intrépida devoção cívica, o seu generoso sacrificio, qualidades que eram a vida que lá tivera de perder naquela derrocada convulsa e fatal.

E' ao homem que se bateu na guerra santa do amor do próximo e morreu quando cumpria o seu dever—a obrigação primeira e altissima da fraternidade que nos solidariza na hora incerta de perigo—, que nós aqui, camaradas, amigos e desconhecidos de ontem, viemos acompanhar em piedosa romagem, com a atenção concentrada e sentida do discipulo que dum mestre obscuro acaba de receber uma lição profunda.

Não sei que estranha morte é esta morte que, assim como nos enluta num desespero enorme, revolta da consciencia contra a natureza que não mede o alcance dos valores que cegamente destrói, assim nos dá um inefável consólo e nos causa orgulho e nos desoprime e eleva o espirito, como se fôsse da nossa própria e transitória condição mortal que

nós vissemos subir, doirada pelo sol, florida e vibrante como o génio, rescendendo no casto perfume dos sorrisos de mãe, a alma eterna, o immortal coração da humanidade, essa molécula subtil, impalpável, mas enormemente reprodutiva da dedicação, do sacrificio e do amor.

Eu vejo este bravo caminhando para salvar e para morrer... O sino tange aflito, já um clamor de angústia vem descendo as ruas da cidade. O bravo arma-se para a luta. A' espôsa, que um instante o prende nos braços—jo sentimento das mulheres tem estranhas e misteriosas previsões!—ele deixa bem selada num beijo—e era o último...—, a sua impercível estima. Um clarão vermelho— as chamas teem a cor do sangue— derrama-se com beleza sinistra por sobre a casaria. Gente corre num desvaio. Então os filhos acordam e numa intuitiva ância affectuosa dizem—Pai, Pai: onde vais?

Mas o bravo parte, só um medo lhe bate agitado no coração—o de não chegar a tempo de triunfar... e de morrer entre as labaredas que se estorcem numa epilepsia de fúria louca!

Bem escusava a humanitaria Corporação dos Bombeiro Voluntários de Guimarães de mais este doloroso titulo de valor, de sacrificio e de martirio, porque bastantemente nos havia provado como nobilita a sua divisa e não faltará jamais a nosso lado nessa crise angustiosa em que o fogo, estoirando colérico, brutalmente ameaça a vida de pessoas que nos são caras. Bem escusava!

Homem que encontre a desgraça a ventura de bem morrer: caem sobre o teu cadáver as lágrimas da família, o teu nome ficará escrito em comovida lembrança em nossa gratidão. Tu verás, entre os mortos, o quanto mais vale o sentimento do sacrificio e do amor que as efémeras vaidades que nos iludem a vida e tantas vezes nos tornam inimigos.

Espirito immortal do dever—eu te saúdo!

NOTAS — O «Jornal de Noticias» de domingo, em fundo, occupa-se do incendio de Guimarães. Lamenta o articulista que hajam municípios, em terras de provincia, que não dispendam um centavo com o serviço de incendios, resultando haver corporações de voluntários, muito louváveis pelo que representam de iniciativa, mas de pouco valimento em caso de sinistro. E acrescenta o mesmo

CARTAS LITERÁRIAS

As orvalhadas da Santa Marinha

É um regalo sair muito cedo, nessa manhã de orvalhadas, e ir por ali fora, por essa linda e fresca estrada da Costa, a ver os milheirais e as vinhas todas fartos, quietos e como coalhados de orvalho, escutando curiosamente, lá do cimo das árvores, os cucos, as rôlas, as pégas e os pardejos, que em doce côro lírico anunciam à nossa alma tranqüila mais uma madrugada, entre as admiráveis madrugadas deste verão delicioso.

Há ali, por aquela estrada arejada e socegada, nas árvores e no espaço amável, um fluido e doce sentimento de tranqüidade e bondade, que é tudo quanto de mais directamente carinhoso é possível encontrar. Lá ao alto e em frente, a crosta bronzeada da montanha da Penha ergue-se, na luz de alva, diademada dum virtuoso reflexo de prata. *Alvim*, a linda vivenda, semelha, entre a verdura, um alegre recolhimento de pombas e rôlas — tão airosa é a sua atitude. Ao centro dos campos, lá ao fundo, e num grande ar de arraial, o casario de Guimarães abre-se numa promiscuidade antiga de tôrres, claraboias, casas acasteladas, ruas e jardins, que vai subindo, à maneira dum grande rebanho por caminho estreito, até lá cima, à Torre de Dona Muma. Depois são, para o norte, os pinheirais elegantes da Cruz da Argola, assentes sobre uma linha de montado a perder-se, ao longe, no espaço cinzento. E entrementes — enquanto, de chapéu na mão, sereno, se gosa este original espectáculo de veigas, vivendas, prados, casario, monumentos, pinheirais — ao nosso ouvido canta uma queixa doce, uma queixa meiga, da água que tomou maguada e amorosamente da fonte pequenina, a meio da estrada.

As orvalhadas da Santa Marinha já foram — em melhores tempos — um passeio de tradição, com que muitas famílias folgavam de sentir o prazer de uma madrugada do estio, entre o canto agradável das aves. Hoje, a Santa Marinha é, apenas, uma saudade. . . Saudade que aos velhos recordará outros anos, a sua antiga alegria, a sua leveza antiga; e aos novos, tradicionalistas como eu, recorda, com pena, boas horas da meninice, gosadas naquelas manhãs, quando ainda a Fonte dos Frades era um lugar público de repouso e no povoado da Costa aquêle dia era ainda *día santo*.

As orvalhadas da Santa Marinha são hoje, apenas, uma saudade. . . E parece que de saudade se envolvem agora as árvores na bruma verde da manhã, com os seus cantos surpreendidos de aves, a nota triste das suas fontes, e o não sei que pena que corre e nos perturba, quando caminhamos.

¿O que resta do que foram As orvalhadas da Santa Marinha?

Apenas, ao apontarmos ao largo, a frontaria bronzeada dos monges nos mostra o seu ar de fábrica barrôca, toda mosqueada de liquens, toda torcida de ornatos, de onde os sinos cantam o repique mais lindo e mais nobre de quantos cobrem Guimarães. À esquina da balastrada, no segundo largo, a Varandas repousa, tradicionalmente, com o seu açafate de doces e a garrafa, clássica, da aguardente de bagaço. Romeiros lentos — poucos, quasi nenhuns — vão surgindo, de casaco ao ombro, a gosarem a fresca. Alguns lavradores vem subindo, de fato novo, para a missa resada a essa Santa Marinha, que é o orago da sua freguesia. Três ou quatro pessoas palram. E depois, sós pelos degraus roídos, algum romeiro curioso das orvalhadas vai subindo também, cruza o largo com lentidão, entra a porta do templo, e à direita, sobre uma mesa, quasi ao arco cruzado, lá se encontra o busto de Santa Marinha, com a sua relíquia envidraçada no peito, com o seu corpete florido de oiros toscanos em fundo encarnado e doce de camurça; e ao lado o povo que ajoelha, que se curva e murmura a resar — o povo camponês da sua freguesia.

E ainda — voltando ao ar livre — resta a saudade da mata frondosa, dos azulejos seiscentistas dos escadórios da quinta, da poça redonda e enorme dos frades, e dessa admirável, encantadora, única varanda de Frei Jerónimo, de quem dois dos mais ilustres artistas portugueses do nosso tempo (1) disseram as mais quentes palavras de admiração.

Sim. . . ¿Quem se lembra das orvalhadas de Santa Marinha?...

Alfredo Guimarães.

(1) Luciano Freire e Manoel de Sousa Pinto.

DESACATO A UM MONUMENTO NACIONAL? NÃO.

Desacato à asneira nacional, pode ser!

Aquella deliberação acertadíssima da demolição do coruchéu ou cúpula que poisava em cima da torre da Oliveira teve, como era de esperar, o seu epílogo desejado e breve, não só da parte do empreiteiro contratado para o seu arrazamento, como também por banda do Conselho de Arte e Arqueologia, visto que este, reconsiderando, achou finalmente que essa demolição era bem natural, lógica e acertada, pois que uma indicação superior de defesa artística a aconselhava.

Não foi, portanto, um «desacato» a um monumento nacional, como o referido Conselho fizera correr publicamente, intervindo e alarmando; e não foi, porque é o mesmo Conselho de Arte e Arqueologia que, inspirando-se em melhores razões, vem agora dizer que o desacato não foi a um mo-

numento, mas ás fórmulas oficiais preceituadas no art. 47.º da lei de 29 de Maio de 1911. («Primeiro de Janeiro», n.º relativo a domingo).

Mas vejamos se ainda mesmo sob esse aspecto o referido Conselho tem razão; transcrevamos o citado art. 47.º

«Os imóveis classificados de monumentos nacionais não poderão ser demolidos, no todo ou em parte, nem sofrer qualquer reparação ou modificação, sem parecer favorável da respectiva comissão dos monumentos.»

Não nos consta, porém, que a torre da Oliveira seja classificada como monumento nacional. Monumentos nacionais em Guimarães, são: o Castelo, os Paços dos Duques de Bragança, a Capela de Santa Margarida; e aquêle trecho de muralha que o zelo fiscal do

mesmo Conselho de Arte e Arqueologia ainda há pouco deixou que em parte fosse demolido!

O artigo, pois, a aplicar seria o 45.º que diz:

«Os edificios que sem merecerem a classificação de monumentos nacionais, ofereçam, todavia, algum interesse, sob o ponto de vista artístico ou histórico, serão descritos em cadastro especial; e nenhuma obra de conservação ou restauração poderá realizar-se nêles, sem que o respectivo projecto haja sido aprovado pela comissão de monumentos da respectiva área.»

¿E tem o Conselho da 3.ª circunscrição, aquêle que mandou três dos seus membros a esta cidade examinar de visu a demolição da tal cúpula sobre a torre ameçada; tem, diziamos nós, relação circunstanciada dos monumentos dentro do caso indicado neste artigo?

¿Somos informados que não tem tal cadastro, nunca a elle procedeu!

Eis porque nada parecia indicar que elle tivesse de ser consultado. Mas... adiante. O que interessava era que a obra se fizesse, porque só assim se restituía à torre da Oliveira aquella flagrante verdade histórica que, não se compadecendo com bonitos ou feios efeitos, simplesmente e unicamente reclamava dos espiritos cultos que lhe defendesse o que constituía documento duma época ou lição dum estilo. E' nisso que está a sua arte, a sua beleza, o seu valor. Outra não é a razão da defesa dos monumentos. São relíquias nacionais... por muito feios que sejam depois de restaurados.

A dedicação dos vimaranenses pelos seus monumentos

Convirá, todavia, demonstrar ao zelo fiscal do Conselho de Arte e Arqueologia que não é o povo de Guimarães tam destituido de civilização e de culto artístico que não saiba acordar para a defesa dos seus monumentos — que, como um avaro, guarda em grande número. Podemos dêsse seu predicado oferecer alguns exemplos:

Em 1874, um grupo de vimaranenses, com Martins Sarmiento à frente, faz, por subscrição pública e com um auxilio do governo, a restauração da capela de Santa Margarida do Castelo, depois considerado monumento nacional. Na Colegiada da Oliveira, o seu D. Prior dr. Manuel de Albuquerque faz restaurações como as dos claustros, capela do Capitulo, alguns túmulos e lápides encobertas a pedra e cal, e a imprensa da época aplaude-o, e o povo acha bem. Ainda há pouco o mesmo povo, falsamente iludido de que alguns objectos pertencentes ao museu de arqueologia cristã iam ser transferidos para Braga, ainda há pouco, diziamos, elle manifestava o mesmo interesse antigo na sua conservação e defesa — com o mesmo entusiasmo como há séculos elle pelejava, de armas nas mãos, pelas prerogativas e forais de velha herança.

Para comprovar o que afirmamos, basta ler o que escreve José Caldas na «Arte e Natureza» a propósito do Castelo:

«E se os moradores da nobre, antiga e formosa vila de Guimarães, pelo respeito com que guardam e honram as suas tradições locais, acompanhando-as ainda agora, quanto podem, com os seus exemplos, se tornam credores da estima de quantos versam a sua história, a um tempo civica, artistica e romanesca, essa estima sobe de ponto ao medirmos os cuidados, os esforços, o zelo espiritual, o culto da arte civica com que, no dobar de quasi oito séculos, vêm amparando e evitando a ruína absoluta do seu mais grandioso e illustre monumento.»

¿E querem, por final e em conclusão, saber os ilustres membros, — os 3 especialmente que vieram a Guimarães e foram queixar-se ao administrador do concelho (sic) —

porque é que o povo desta nobre terra, que não é rude nem selvagem, se não alarmou ao ver o «desacato» ao... cartucho da torre?

E' porque elle, ouvindo talvez contar a história da mesma torre, sabia que ella fôra concluida no ano de 1513, até ás ameias, (Hist. de Guimarães V. II pag. 19), e que tudo o mais que depois lá lhe poseram — tal e qual como o altar na ogiva do Padrão, o tecto e balastrada da igreja, a janela frontal, as grades exteriores, etc. — tudo isso foram excrescências, disparates brutais, vandálicas asneiras que uma elemental indicação superior de defesa artistica aconselharia a demolir, com muita prudência, é certo, mas a demolir... se porventura tivéssemos fartura daquilo a que lunáticos poetas chamam — o vil metal!

E ponto.

Gil Vicente Poeta e Ourives

(Rematando)

Vai tardia a resposta às últimas considerações do Alfredo Guimarães sobre este teimoso assunto, porque tardia também tem sido a minha saúde em me consentir algum ligeiro trabalho. Não era mesmo uma necessidade responder, pois eu não tenho mais do que confirmar o que escrevi e, aparte umas breves observações à derradeira insistência do Alfredo, juntar mais algum argumento, embora os meus não possuam a força que um entendido lhes pôde imprimir. E não vai neste termo grifado leve ironia aos seus conhecimentos vicentinos (pois me sabe julgar), mas unicamente o transporte, do juizo que faz de si próprio, tendo-se por conhecedor de «factos de alta importância».

Mas passando a outros «factos», de não menor importância oportuna, devo lembrar ao meu polemista a desnecessidade que havia em me dar conselhos de «estudo», porque tudo faço (entendo) na medida das minhas débeis forças e nunca porque «companhias inúteis e viciadas» me estorvem a minha vontade. Eu sei (e já agora aí vai uma *geremiada*) que este meio é muito rebelde a pessoas que querem triunfar honestamente pelo espirito, porque nem há uma *élite* intelectual, nem um *rendez-vous* de artistas e letrados. Mas deixe-me também o Alfredo trazer a propósito o que ainda há bem pouco pensava e me dizia Eugénio de Castro, em Coimbra, — que os grandes meios, como Lisboa, se, por um lado, estimulam os novos com os seus aplausos e entusiasmos, por outro, enganam e adulam hipocritamente os melhores intencionados, resultando um proveito illusório, pouco duradouro...

E' assim que eu não desanimo nem desfaleço por completo se me escasseiam os estímulos que todo o esforço realizado requer, como recompensa e incitamento, rememorando aquêles conselhos do grande poeta e amigo.

Eu estou, contudo, extraviado do ponto da nossa discussão e, estimando-a acabada, não porque ignore que dela possa vir a luz, mas exclusivamente por me capacitar de que neste assunto é muito densa a treva, embora o Alfredo a queira altivamente fender com os coriscos do seu «estudo», qual deus Vulcano!

As novas considerações que estabelece (e algumas eu desconhecia) mais me levam a duvidar da afirmativa de que Gil Vicente poeta e Gil Vicente ourives fossem duas individualidades. Isto não é uma mera questão de teimosia, mas uma questão de raciocínio. E por isto mais: — Eu havia transcrito uma opinião de

articulista que estas considerações se não entendem com os bombeiros nem com o município desta cidade — porque ignora o que por cá se passa a tal respeito.

E como já alguém daqui para o mesmo jornal mandou dizer o que o articulista ignorava, parece-nos que nada mais há a rectificar.

O luto da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários é de 30 dias.

—A Câmara fez exarar na acta um voto de pesar pelo triste acontecimento.

—As Associações, Centros, juntas de Paróquia, Ordens, etc. tiveram as suas bandeiras a meia haste.

—No dia do enterro do bombeiro-agulheta algumas fabricas cessaram mais cedo a sua laboração.

A «Alvorada» afirma a sua simpatia pelos bombeiros e populares feridos, ao mesmo tempo que exprime a sua solidariedade na dôr com as familias dos que pereceram e sofreram com o sinistro.

Lembrando um subsídio

Am.º Director — Recordando aquêle dito célebre do Marquez de Pombal quando diante dos escombros do terremoto elle proclamou que o que havia a fazer era — «enterrar os mortos e cuidar dos vivos!», assim também depois dessa catástrofe em que pereceu o desventurado bombeiro Miguel «Cartada», o que há a fazer, depois da apoteose de pesar prestada pela cidade ao morto, é cuidar da viuva e dos seus três filhos.

A corporação dos B. V., como sabe, estabeleceu já um subsídio de 6 escudos mensais — o que é muito, mas não basta. Estabeleça a Câmara um outro subsídio, ainda que diminuto, e a cidade associar-se há a essa proposta, estou certo.

Lembre isso no seu jornal, e peça-lhe que esconda o meu nome para que a idea brilhe mais, se é possível.

Seu amigo,

N. da R. — Por uma carta do illustrado presidente da Comissão Municipal lida na última sessão camarária, parece por ella deduzir-se que o subsídio está no seu pensamento.

Evidentemente que uma tal resolução irá ser devidamente ponderada, pois se todos são concordes em reconhecer que esse subsídio é simpático e justo, ninguém igualmente ignora que, aberto o precedente, elle terá de adoptar-se em conjuncturas idénticas à do infelicitado bombeiro Miguel. Em nosso parecer, portanto, achamos que o subsídio deve ser votado, simplesmente a sua importância tem de ser muito modesta. Mas, o melhor é confiar do critério da vereação. Estamos certos que ella fará obra que a todos satisfaz — inclusivê ao amigo que nos escreve.

Batalha de flores

A comissão da Batalha de Flores que se realisa por ocasião das «Festas Gualterianas», é composta dos seguintes senhores: — Adriano Trêpa, Bernardo Azeinha, Alberto Costa, Jerónimo Almeida, José Neves Pereira e Manuel Pereira Mendes.

Para fazer parte da mesma comissão foram convidadas as ex.ªs senhoras: — D. Ermelinda Costa, D. Maria Amélia Costa, D. Maria Ignês Martins Fernandes, D. Maria Antónia Martins Fernandes, D. Maria Pereira Mendes, D. Júlia de Viamonte, D. Maria José de Viamonte, D. Maria José Trêpa Ramos, D. Maria Mendes Ribeiro, D. Maria do Espirito Santo Matos e D. Maria da Conceição Matos.

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos.

ou casa de inquilinos, ou corte de ... porcos!

Meu caro amigo:—Encontrando-me nessa terra, no domingo passado, procurei-o para o abraçar e para o convidar a tomar uma cerveja num café que existe na rua da Cadeia ou do Espírito Santo, como lhe ouvi também chamar.

Naturalmente, deve julgar-me pessoa sem brio ou uma criatura sem gosto, ao vêr a sem-ceremónia com que o convidei para um café sem nome e engravado numa viela, numa terra onde os há bem mais decentes e até com algum luxo.

Porém, o meu intuito era outro: Eu desejaria que o meu amigo entrasse nesse café unicamente para sentir por um momento o cheiro pestilento que ali se respira.

Que horror!!... Com o lenço a coar a respiração, perguntei donde partia tam insuportável cheiro.

—E' duns malditos porcos que ai estão, e dos quais não há meio de me vêr livre, porque são da senhoria!...—responderam-me.

Efectivamente, aproximando-me um pouco mais do interior, deparei com uns três porcos, muito porcos, num chiqueiro nauseabundo, o bastante para envenenar toda a gente que habita aquelas pocilgas, cujas trazeiras dão para essa viela.

Lastimava, então, essa pobre gente, quando uma velhota, talvez septuagenária, exclamava com voz trémula:

—São da sr.ª Ludovina, que se fossem meus, já teria sido obrigada a vendê-los para pagar a multa!

Não conhecendo eu a sr.ª Ludovina nem o sr. Sub-delegado de Saúde, apêlo para o meu bom amigo, para que em nome dessa

pobre gente e por intermédio do seu muito conceituado jornal, leve o caso ao conhecimento das autoridades competentes para que, sem perda de tempo, limpeza seja feita a essa maldita viela.

Dum seu amigo muito dedicado. Pevidém, 14 de Julho.

Um forasteiro.

N. da R.—Ele existe, por decreto, uma comissão de fiscalização sanitária a quem compete vistoriar as habitações não permitindo dentro das mesmas a permanência de suínos, quando estes transformem, como é frequente, as casas em cortes e estas em focos de infecção.

AS OBRAS PUBLICAS recomendamos as Avenidas

Sr. Director da «Alvorada»:—O seu jornal prestaria um bom serviço à cidade se conseguisse que as Obras Públicas mandassem reparar, se não já as duas avenidas, ao menos a que tem a nomenclatura de—Avenida Cândido dos Reis, pois que, mercê do saibro que lhe deitaram nas covas que oferecia a sua calçada, por ocasião do Circuito do Minho, tornou se, depois disso, insuportável com as núvens de poeira que levanta, especialmente quando o movimento é maior.

Esta obra, visto que a Festa da Cidade está á porta, impunha-se que se fizesse, pois é essa avenida a mais servida pelos forasteiros.

De v. etc.

Um comerciante.

N. da R.—Não há, não pode haver, duas opiniões a este respeito. A obra é urgentemente necessária; falta que o fiscal das Obras Públicas nos queira ajudar, por que, então, quem prestaria à cidade um bom serviço não era este jornal—era ele.

Ouvir-nos há? Vamos subscrever-lhe a recomendação.

tas fracas será efectuada ás 5 horas e a dos fortes ás 5 1/2 horas.

Art. 9.º—Todo o ciclista que tomar parte na corrida terá de se apresentar de véspera, juntamente com a sua máquina, na Associação dos Bombeiros Voluntários, para esta ser selada.

Art. 10.º—Todo o corredor, legalmente inscrito, terá de apresentar ao presidente do júri o boletim da inscrição, antes da partida.

Art. 11.º—A méta será localisada na Associação dos Bombeiros Voluntários.

Art. 12.º—Todo o corredor deverá efectuar todo o percurso sem nunca abandonar a máquina, nem mesmo nas subidas a poderá entregar a alguém, nem adoptar outro meio de locomoção, a não ser a pé ou em cima da máquina.

Art. 13.º—Todo o corredor que errar o caminho não terá direito a reclamação alguma.

Art. 14.º—Todo o corredor será obrigado a declarar o seu número em voz alta aos fiscais, quando estes lho pedirem.

Art. 14.º—Serão absolutamente proibidos os travadores.

Art. 16.º—Os corredores, que tomarem parte na corrida, não poderão alegar em sua defeza a ignorância do regulamento geral desta corrida, promovida pelo Sport Club Vimaransense.

§ 1.º—Os sócios inscritos até 8 de Julho terão 30 % de abatimento, excluindo os que tirarem prémio.

Mendes dos Remédios a favor da identidade de Gil Vicente poeta e ourives: aparece-me agora o Alfredo com nova opinião do mesmo crítico a favor de dois artistas — o da pena e o do cinzel. Que outra melhor impressão pôde gravar-se no meu espírito? — A de maior dúvida. Devo notar, porém, que nesta dúvida eu me coloco mais ao lado dum único Gil Vicente, como já tenho demonstrado, embora o Alfredo tente dissuadir-me com razões não convincentes, ainda que algumas sejam rasoáveis para a sua defeza.

Brito Rebelo disse na sua Ementa Histórica (1 volume): «Ponto duvidoso tem sido se essas duas manifestações artísticas são fruto de um único indivíduo ou de dois homónimos.» Acrescentando: «O que se sabe é que a rainha D. Leonor tinha ao seu serviço um ourives assim chamado, que a esse ourives encomendou D. Manuel a famosa custódia, etc.» Assim se depreende do documento que reza: «Alvará del-rei D. Manuel nomeando Gil Vicente (ourives da rainha D. Leonor, sua irmã) vedor de todas as obras de ouro ou prata, etc.» E porque não ha-de ser este o poeta se elle é filho de um ourives, (ou irmão?) Martim Vicente, natural de Guimarães, conforme o manuscrito geneológico de Cristóvão Alão de Morais, que diz: «Gil Vicente, filho único deste Martim Vicente, foi homem mui discreto e galante, e por tal foi sempre muito estimado dos Príncipes e senhores do seu tempo. Foi o que fês os Autos, etc.»

Se Teófilo Braga dá este Martim Vicente como filho de Gil Vicente poeta morrendo na India—Brito Rebelo chama-lhe incertamente Vicente Fernandes e Teófilo Braga considera este filho de Gil Vicente ourives. Que pitoresca coincidência faz com que os geneologistas criem dois filhos, um de Gil Vicente poeta e outro de Gil Vicente ourives, vivendo na India—Isto mais me faz crer na trapaalhada resultante das duas personalidades, ocasionando que, apenas trocando os nomes, se encontrem indenticos personagens descendentes do poeta e do lavrante.

Acabaram por meditar os eruditos que era muita canceira ser poeta primoroso e joalheiro exímio e, provávelmente, vá de inventar dois Gis Vicentes. E dado que Gil Vicente era filho dum ourives de Guimarães, quer fôsse esse Martim Vicente ou outro, porque não havia o poeta de herdar aquelas qualidades de seu pai, herança natural?

Demais essa arte que tanto floresceu na nossa terra naquela época, não devia produzir simples artifices, mas verdadeiros artistas como havia de ser o fabricante da Custódia de Belem. E' assim que se justifica o elevado grau artistico que subiu a ourivesaria em Guimarães e foi certamente aqui que desabrochou o sangue dum tam requintado artista. Gil Vicente não é um génio áparte: Lope de Rueda é outro ourives e cómico, espanhol.

Sou talvez dessa opinião que os descendentes dum tam alto poeta queriam suprimir-lhe mais esse segundo merecimento, porque só era galardão o primeiro; pois eu, moderno patricio dêsse grande homem, quero para elle toda a soma de glória, porque se elle foi fidalgo em ser poeta, mais o é ainda em ter sido poeta e ourives, quando tam alto se inspirou naquelas artes.

Jerónimo de Almeida.

Horário dos combóios

Na nossa 4.ª página continhamos a publicar, devidamente rectificado, o horário dos caminhos de ferro de Guimarães.

AS "GUALTERIANAS,"

NUMERO DESPORTIVO

O «Sport Club Vimaransense», querendo contribuir para o luzimento da grande Festa da Cidade, promove um programa de corridas cujo regulamento é como se segue:

Art. 1.º—O «Sport Club Vimaransense», que se fundou para o desenvolvimento do sport em Guimarães, promove, este ano, por ocasião das Grandiosas Festas Gualterianas, uma corrida de bicicletas no dia 3 de Agosto.

Art. 2.º—Nesta corrida serão incluídas duas categorias—fortes e fracos.

Art. 3.º—A prova é individual e será disputada no seguinte itinerário:—Guimarães (partida dos Bombeiros Voluntários), Paçô, Felgueiras, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Braga, Taipas e Guimarães (ponto de partida).

Art. 4.º—Desta corrida só poderão fazer parte os corredores do concelho de Guimarães.

Art. 5.º—Este regulamento é destinado tanto aos corredores fortes como aos fracos.

Art. 6.º—Os corredores serão classificados pelo júri em relação a que pratiquem o sport.

Art. 7.º—A taxa da inscrição será de 1 escudo (10000 réis).

Art. 8.º—A partida dos ciclistas

§ 2.º—Quem não for sócio não terá direito a este privilégio.

§ 3.º—No acto da inscrição, sócio ou não sócio terá que pagar o mesmo escudo (10000 réis) dando-se direito à regalia depois de ser efectuada a corrida.

A Comissão:—Domingos Barbosa de Oliveira, António Ribeiro Júnior, Joaquim de Sousa Neves, José Pinto da Rocha Júnior e Rodrigo Ribeiro.

O júri que tem de classificar estas provas de harmonia com o transcrito regulamento, é o seguinte: A. L. de Carvalho, presidente; Alberto Costa, Armando Humberto Gonçalves, Alberto Teixeira Carneiro e Gualter Martins, vogais.

EDITAL

2.ª Publicação

José Maria Gomes Alves, Escrivão da Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães.

Faço saber, nos termos e para os efeitos dos artigos 11.º e 12.º do Código Eleitoral, que o período para a inscrição no recenseamento politico que há de servir nas eleições suplementares e administrativas de 1913, começará no dia 21 do corrente mês de Julho e terminará no dia 2 de Agosto, podendo inscrever-se, como eleitores, além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela nova lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de 21 ano ou que completarem essa idade até 21 de Outubro de 1913, inclusivé, que estejam no gôso dos seus direitos civis e politicos, saibam ler e escrever português, e residam no território da República Portuguesa.

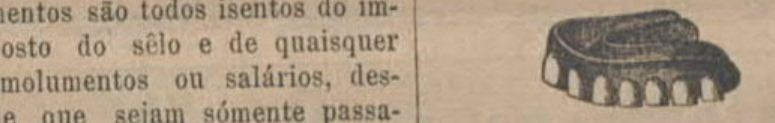
Os recenseados deverão escrever o requerimento por seu punho conforme o modelo n.º 2, fazendo-o reconhecer autenticamente a letra e assinatura por notário, salvo se provarem por certidão ou diploma especial, que sabem ler e escrever, pois, neste caso, basta o reconhecimento da assinatura.

Juntarão aos seus requerimentos: 1.º Certidão de idade nas condições legais ordinárias ou conforme o modelo n.º 3; 2.º—Atestado de residência, conforme o modelo n.º 4, passado pelo Presidente da Câmara Municipal, Administrador do Concelho, Junta de Paróquia ou regedor.

Os requerimentos e documentos são todos isentos do imposto do selo e de quaisquer emolumentos ou salários, desde que sejam sómente passados e aproveitados para fim eleitoral.

Guimarães, Secretaria Municipal, 5 de Julho de 1913.

O Escrivão da Câmara, José Maria Gomes Alves.



Consultório dentário FRANCISCO JACINTO Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Anúncio ARREMATAÇÃO No dia 27 do corrente, pelas 11 horas e 30 minutos, e

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiais, coroas de ouro e dentes a pivot. Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Toural).

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331—PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgia-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS
(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA
PLATINA E CIMENTO
DENTES A PIVOT
OBTURAÇÕES A OURO
COROAS DE OURO
LIMPEZA DOS DENTES
OPERAÇÕES SEM DOR

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

Sapataria Vimaranense

—DE—
António José Mendes
5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Horário dos combóios

INDICAÇÕES:—Os combóios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam, entre Guimarães e Trofa, as partidas e chegadas no Pôrto; e entre Guimarães e Fafe designam as partidas e chegadas em Fafe. O Percorso entre Vizela e Guimarães ou vice-versa, oscila entre 16 (combóio rápido) e 20 minutos (ordinário).

PARTIDAS

De Guimarães para a Trofa

- * 5,51—Diário. Liga, 20' depois, com o Pôrto (C. 8,56) e cruza, 1,17' depois, com o Minho (P. 7,44).
- 8,16—Idem.—Rápido. Liga, 14' depois, com o Pôrto (C. 10,30) e cruza, 16' depois, com Braga e Valença (P. 8,43).
- 10,49—Dias úteis. Liga, 36' depois, com o Pôrto (C. 13,22).
- 13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,39) e cruza, 11' depois, com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,18).
- * 17,07—Idem.—Correio. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 19,56); e cruza, 1 h. 19' depois, com Valença e Braga (P. 18,44); com o sul, de Campanhã, às 20,03.
- * 19,57—Dias úteis. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 23,04).
- * 21,30—Domingos e dias feriados. Liga, 15' depois, com o Pôrto (C. 23,56).

Para Fafe

- 8,17—11,34, Correio.—17,52—Diários. (C. 9,13—12,28—e 18,47).
- 22,15—Dias úteis.—(C. 22,53).
- 19,17—e 21,30—Domingos e dias feriados. (C. 11,13—e 22,32).

CHEGADAS

Da Trofa a Guimarães

- * 8,07—Diário. Liga com o que, 44' antes, ali chega do Pôrto (P. 4,30).
- * 9,44—Dias úteis. Liga com o que ali chega do Pôrto (P. 7,26) e cruza ali, 32' antes da partida, com Valença, e Braga (C. 8,56).
- * 10,12—Domingos e dias feriados. Liga com o que, 11' antes, ali chega do Pôrto (P. 7,44).
- * 11,27—Diário.—Correio. Liga com o que, 12' antes, ali chega do Pôrto (P. 8,43) e cruza ali, 15' antes da partida, com o Minho e Póvoa (C. 10,30).
- * 17,44—Idem. Liga com o que, 1 h. 5' antes, ali chega do Pôrto (P. 14,18) e cruza ali, 16' antes da partida, com o Minho (C. 16,39).
- 19,14—Dias úteis.—Rápido. Liga com o que, 8' antes, ali chega do Pôrto (P. 17,10).
- * 21,29—Domingos e dias feriados } Ligam com o que, 12' e 20' antes, ali chega do Pôrto (P. 18,44) e cruzam ali, 1 h. 19' e 1 h. 29' antes da partida, com o Minho (C. 19,56).
- * 21,51—Dias úteis.

De Fafe

- 5,43—8,08, Rápido—13,21—e 16,58—Diários. (4,50—7,15—12,28—e 16,05).
- 21,19—Domingos e dias feriados. (P. 20,23).

Apeadeiros

- * Paragem de 1' em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem na Madalena e Covas.
- Idem na Penha e Cepães.
- Idem em Cepães.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista **Manuel Jesus de Sousa**
50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgicos pelo método de Pasteur.

Livraria editora

GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Riquardo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis):

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia de militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volume publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis—14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 800 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portuguezes no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão